

**GT06 - NARRATIVAS DE VIDA: SABERES SENTIDOS E EXPERIÊNCIAS DE
FORMAÇÃO
O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E SUAS TRANSFORMAÇÕES: SABERES
NECESSÁRIOS PARA A EFICÁCIA NO ENSINO DA LÍNGUA MATERNA**

Ruth Raíla Tavares de Araújo
(URCA)
ruth.raila.tavares@gmail.com

Cícera Maria de Souza
(URCA)
cicinhasousa@hotmail.com

Adílio Junior de Souza
(URCA/UFPB)
adilio.souza@urca.br

RESUMO

Este trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica de natureza quali-quantitativa, que tem por objetivo discutir os métodos de alfabetização por meio de análises de produções textuais de alunos da educação básica no nível fundamental 1, da rede pública de ensino do Município de Missão Velha - CE. O estudo também aborda as bases para a formação crítica e social do educando, tendo em vista o fato de que a alfabetização é o pilar da construção social. Como aporte teórico, foram adotados os estudos de: Lopes e Carvalho (2004), Frade (2005), Puentes (2010), Bortoni-Ricardo (2012) entre outros. O uso de diferentes métodos e metodologias em sala de aula deve ser utilizado para o desenvolvimento do pensamento crítico do aluno. Isso pode ser feito a partir de práticas de ensino que ampliem a criticidade dos educandos, seja por meio de pesquisas bibliográficas, seja pela prática da produção textual significativa, de modo a unir teoria e prática. No que tange a alfabetização, é possível desenvolver mais de um método para um melhor desempenho. Assim sendo, esse estudo mostra que tanto os métodos analíticos como o sintéticos podem entrar em concordância quando se trata de alfabetizar. Mesmo que para o profissional da educação a escolha desse método esteja voltada ao currículo-base para os alunos, essas metodologias devem ser melhoradas através de intensificadores na educação. Os resultados preliminares dessa investigação apontam que, além da escolha de variados materiais didáticos e, principalmente, através do aperfeiçoamento pessoal, será possível uma melhoria do ensino. Os profissionais, de escolas, creches ou pré-escolas, devem se manter atualizados, preparados e capacitados. Não apenas isso, devem também buscar estimular o hábito da leitura, adequando os gêneros textuais orais, transformando-os em escrita significativa. A metodologia do professor, mesmo com os desafios e individualidade de cada aluno, ao alfabetizar, caracteriza-se como elemento-chave para o surgimento do leitor crítico, futuro cidadão consciente e ativo na sociedade, fazendo com que o processo de alfabetização possa ser iniciado e concluído no tempo certo.

Palavras-chave: Método. Ensino. Alfabetização.

1 INTRODUÇÃO

O processo de alfabetização de indivíduos, assim como suas transformações ao longo das décadas tem sido matéria de investigação de inúmeras pesquisas (com destaque para obras de ANTUNES, 2007; BORTONI-RICARDO, 2012; CAGLIARI, 2009; FRADE, 2005; KLUNCK; PASCHOALI, 2016; PUENTES, 2010). Nesses estudos, almeja-se compreender quais os saberes que propiciam e viabilizam o ensino de línguas, mais particularmente, do ensino de língua materna. Este artigo, de caráter introdutório, se debruça sobre essa temática.

No processo de entender a alfabetização de uma forma abrangente, encontramos na linguística uma base de como nós, enquanto formadores e instigadores da educação, somos responsáveis pelo desenvolvimento do aluno em sua alfabetização, mas também intensificando o poder do aluno enquanto sujeito da própria história, podemos assumir a linguagem como algo inato de todo ser humano, que pode ser desenvolvida e evoluída (BORTONI-RICARDO, 2012).

E na evolução da língua e linguagem, encontramos reforços com o uso adequado da retextualização e adaptações de gêneros textuais orais, seguindo a linha da transformação do desenvolvimento cognitivo por meio do método *sintético* ou *analítico* para obter sucesso na alfabetização (PUENTES, 2010; FRADE, 2005).

Partindo desses pressupostos, o objetivo desse trabalho é instigar o processo de fazer e interpretar a alfabetização como fator primordial na construção do sujeito social, analisando produções textuais e buscando uma ressignificação na escrita em meio aos aparentes “erros”, além de permitir uma análise metalinguística sobre como é possível ser dono de suas ações, possibilitando, assim, uma reflexão acerca do conhecimento já adquirido desse leitor no mundo cada vez mais globalizado.

A formação do ser homem (aluno) no meio social exige um processo ininterrupto de aprendizado tanto dentro quanto fora da escola. Este movimento em busca do conhecimento precisa ser consciente e deve estar ligado às necessidades dos sujeitos, enquanto alunos em sua formação. Sabendo da importância da leitura para a formação completa de seres críticos e autônomos, entendemos que é preciso viver atualizado com os mais atuais métodos que envolvem a alfabetização.

Com base em estudos bibliográficos essa pesquisa foi desenvolvida assumindo uma natureza quanti-qualitativa, que associa, na investigação dos significados, os dados estatísticos com os fatores subjetivos que possam influenciá-los, permitindo um maior aprofundamento e análise das produções textuais recolhidas, além de saber como funciona, na prática, a

alfabetização, e de como as crianças reconhecem e fazem uso do método de ensino seja ele sintético com a classificação da parte menor, fonema (enquanto unidade distintiva), para a maior, o morfema ou a palavra (enquanto unidade significativa), ou pelo método analítico investigando inicialmente o texto (como uma unidade de sentido completo) como um todo para, enfim, chegar a palavra (CAGLIARI, 2009).

Nesse trabalho realizaremos uma análise de relato pessoal de como era feita a alfabetização no acadêmico da atualidade. Seguiremos com a apresentação dos resultados obtidos de acordo com as fundamentações teóricas previamente selecionadas.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando que a alfabetização assume um papel de suma importância na vida social de qualquer ser humano. E, diante das diversas temáticas que seguem a história da alfabetização, encontramos nesta pesquisa questões referentes à prática pedagógica, argumentando que a forma como se ensina, muitas vezes, não está de acordo com a maneira com que se aprende.

O ato de alfabetizar está intrinsecamente ligado ao papel do docente e a maneira como ele a ensina, em outras palavras o método que o professor impõe em sala de aula indica o sucesso da alfabetizador ao desempenho do discente e sua formação como cidadão. Se considerarmos que ler é construir uma concepção de mundo, estaremos ligando o professor-alfabetizador ao desempenho do aluno e sua formação enquanto cidadão consciente de seus deveres e direitos em uma determinada sociedade.

Verificamos, ao analisar as produções textuais de alunos do Ensino Fundamental 1, da rede pública de ensino, algumas características que podem ser tomadas como “erros” em uma perspectiva prescritivista da norma pela Gramática Normativa da Língua Portuguesa, fato contrário aos preceitos descritivistas defendidos pela abordagens linguísticas.

Quando a criança escreve “**bUneca**” e troca a vogal **U** pela grafia considerada “correta” que seria um **O**, ou quando algumas crianças, ao escreverem, fazem uso de garatujas (desenhos sem configuração), embora as linguagens se assemelhem graficamente, o aluno, ao arrumar tais características, teve um desígnio de estruturá-las diferentemente. Não se pode negar que a escrita, de um modo geral, por ser uma representação inexata do som, apresenta muitas complicações, basta citar o caso do emprego do **X** em palavras como: *táxi*, *exato*, *êxtase*, *exame*, *exoesqueleto* etc.

Para alguns estudiosos o erro significa um norteamento à prática, ele demonstra a dificuldade dos alunos em desenvolver a habilidade escrita. A fim de solucionar os “erros” gramaticais desenvolvem-se os métodos *Analíticos* e *Sintéticos* na tentativa de compreender a formação de alunos na fase da alfabetização.

De acordo com Frade (2005, p.22) “Os métodos sintéticos vão das partes para o todo [...] Para esse conjunto de métodos denominados sintéticos, propõe-se um distanciamento da situação de uso e do significado, para a promoção de estratégias de análise do sistema de escrita”. Este método organiza-se para contemplar as formações fônicas como unidades menores até que se chegue as palavras. Essa tendência compreende: (a) o *método alfabético*, que tem como unidade a letra; (b) o *método fônico*, que adota como unidade o fonema; c) o *método silábico*, que aceita como unidade um segmento fonológico mais facilmente articulado, que é a sílaba. A disputa sobre qual unidade de análise a ser considerada – a letra, o fonema ou a sílaba –, é que deu o tom das diferenciações em torno das correspondências fonográficas.

Cabe explicitar que os métodos tradicionais se apoiam nas cartilhas, ou seja, se o aluno responder que o professor trabalha com atividades como as da cartilha que lhe apresentamos, ele está automaticamente dizendo que seu educador se embasa nos métodos tradicionais. Em contraposição, se o aluno disser que o professor trabalha com parlendas, ele espontaneamente está confirmando que seu docente adere às ideias construtivistas, visto que os adeptos a esta corrente defendem o uso de textos reais para despertar o interesse dos alunos no aprendizado sobre leitura e escrita.

Entendemos, portanto, que os professores que faziam uso de método silábico acreditavam que o aluno deveria ser introduzido à memorização de letras e sílabas através de exercícios repetitivos. Desta forma, o professor lança alguns exercícios de fixação das famílias silábicas para, sucessivamente, formar palavras, sem embasamento em algo concreto e real, crendo que o aprendiz traz, consigo, noções de que uma sílaba formada com poucas letras pode ser lida. O trabalho escolar fica preso à leitura destas famílias silábicas durante um bom tempo, até introduzir o uso de frases pequenas com a mesma sonoridade. Somente depois, o discente teria contato com pequenos textos, mesmo assim, tais escritos são formados por repetições da mesma correspondência.

Independentemente de qualquer um desses métodos sintéticos, concluímos, que há a crença de que os educandos já teriam a capacidade de compreender as unidades menores do sistema alfabético. O professor impõe atividades de cópias monótonas do gesto gráfico e memorização destes, gerando um acúmulo exaustivo de informações.

Seguindo as orientações de Frade (2005, p.32) “os métodos analíticos, que partem da síntese para a análise, do todo para as partes. Os métodos globais trabalham com diversos pressupostos, que podem ser verificados nas discussões sobre sua utilização, desde Comênio¹ até a atualidade”.

Não muito diferente dos métodos sintéticos, os métodos analíticos também priorizam o professor como único conhecedor do processo de ensino e aprendizagem sobre leitura e escrita. No entanto, diferem-se por partir de elementos maiores: textos, sentenças ou palavras, para, posteriormente, subdividi-los nas unidades menores: letras.

2.1 ANÁLISES DAS PRODUÇÕES TEXTUAIS COLHIDAS

Os dois textos aqui retartados foram produzidos por alunos do 3º ano da rede fundamental 1 do ensino publico da cidade de Missão Velha- CE.

O desenvolvimento de cada criança é único e é exatamente por isso que o professor alfabetizador precisa ter discernimento e boa formação para entender o que acontece com o aluno.

Cada educando passa por fases bem definidas de aprendizagem, mas isso não significa que todos percorram todas as fases de maneira uniforme. O processo é dinâmico, ocorrem saltos e as crianças estão sempre em transição entre fases. Não dá para esperar que uma mesma atividade faça com que todos os alunos saiam de uma hipótese de escrita e cheguem a outra, como aconteceu nas produções textuais a seguir, amos pertencem a mesma localidade, estão no mesmo ano e saõ acompanhados pela mesma professor, vale nesse momento ressaltar o ser humano como individuo único e como tal tem sua personallidade definida. Por isso, é necessário fazer diagnósticos e replanejar constantemente.

É preciso fazer intervenções de acordo com as hipóteses de apropriação do sistema de escrita de cada aluno e incentivar a reflexão de cada estudante sobre suas próprias respostas, mas sempre respeitando o processo de desenvolvimento da criança e considerando todo seu percurso. É preciso ajudar a ver quais hipóteses , estudadas pelos alunos faz estão funcionando, como esse educando está avançando e como as reestrutura-lás. Os erros precisam ser corrigidos de acordo com a apropriação do objeto de conhecimento - o que significa que eles nem sempre serão corrigidos no momento em que ocorrem.

¹ Comênio (1593-1670) foi o fundador da didática moderna e propôs várias ideias revolucionárias sobre a importância do interesse dos alunos na aprendizagem. Era contra a memorização vazia e a favor da compreensão e combateu o método da soletração em sua obra *Orbis Pictus*.

No nível alfabético a criança começa a compreender o sistema escrito, o que aparentemente nos demonstra a gravura B

De acordo com Frade (2005, p.40) “O aluno muitas vezes é visto como um sujeito que tem um processo lógico de pensamento, de modo que cada “erro” de escrita que produz indica uma hipótese sobre o conteúdo do sistema alfabético de escrita” .

Isso evidencia um pouco de como a defasagem no nível de alfabetização alcança níveis tão altos .

Figura A

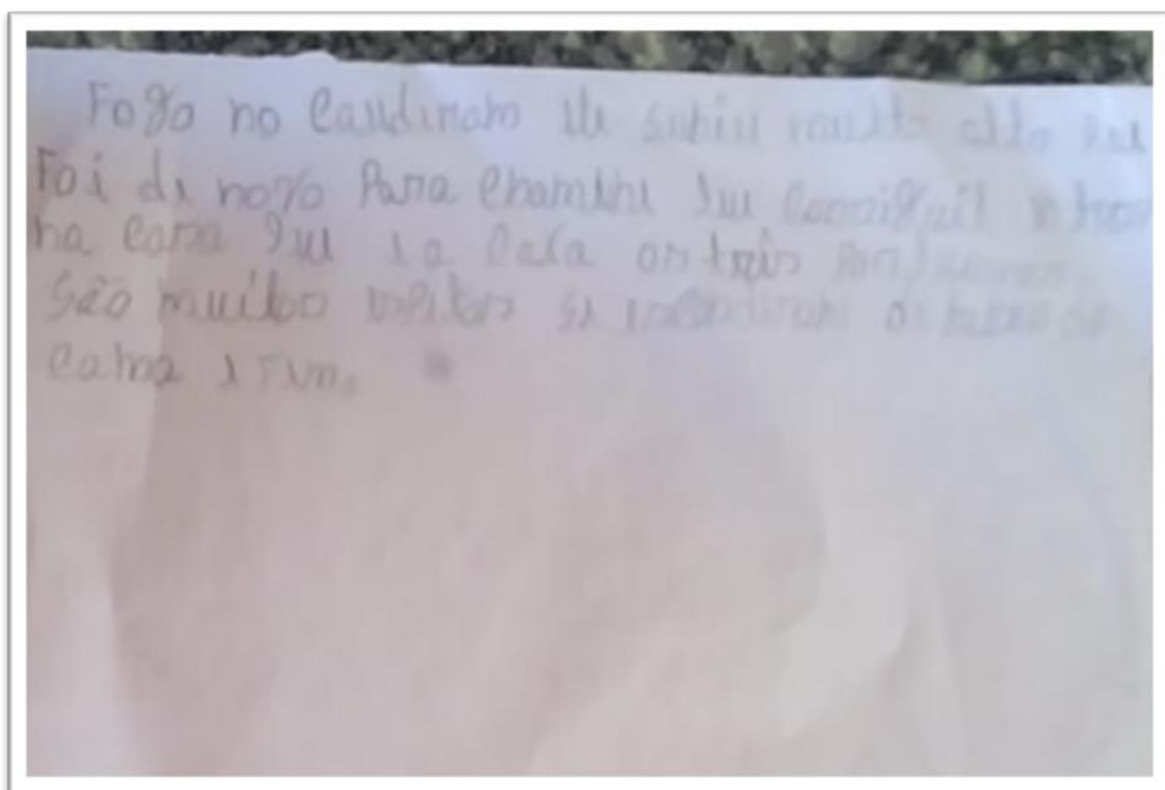
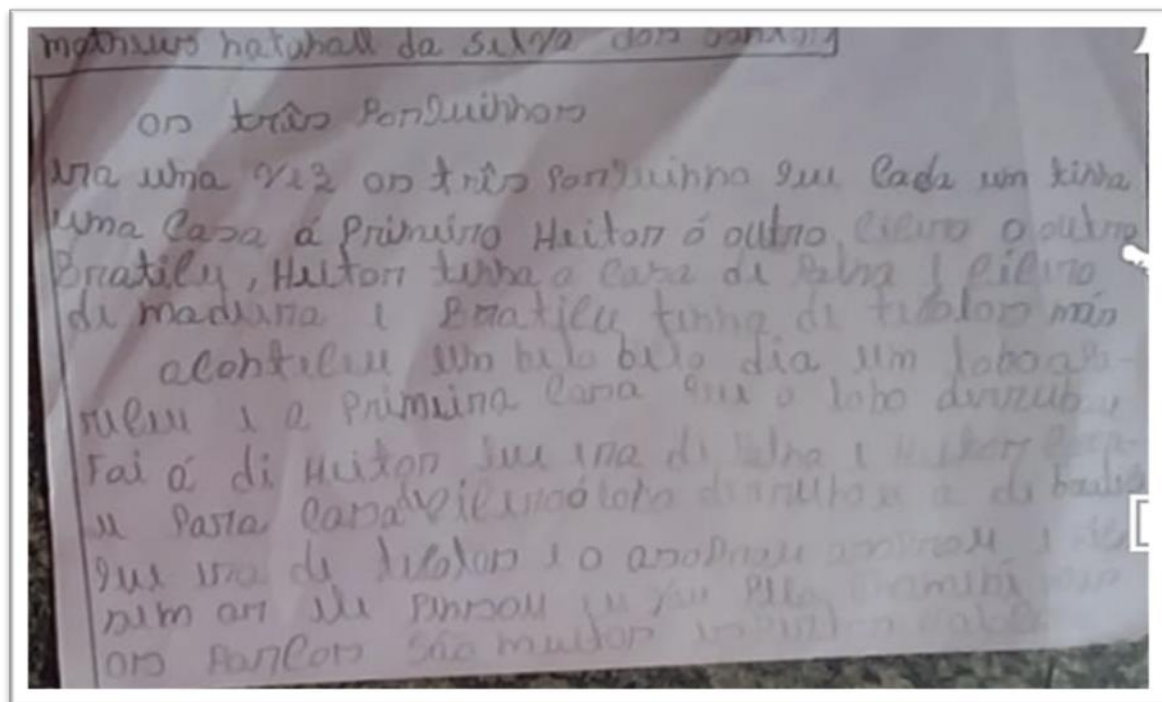


Figura B



3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidentemente se tem o fato que o sistema educacional brasileiro apresenta falhas que vêm sendo relatadas, estudadas, porém ainda sem uma solução concreta. A fim de promover uma educação de qualidade às nossas crianças, pesquisas estão sendo desenvolvidas no intuito de sanar os efeitos desse problema. Segundo Lopes e Carvalho (2004) desde a primeira etapa educacional as crianças, de acordo com a educação básica compreendida da creche a pré-escola, ao ingressar na escola, são instruídas a construir seu vocabulário gramatical, não aproveitando, muitas vezes, a precedente da oralidade que trazem consigo e, ao que apontam os dados, nem nesta fase nem nas subsequentes da educação básica e/ou média.

Consideramos as habilidades mecânicas de decodificação da escrita sem reflexão nem diálogo com o texto, um dos maiores entraves para o ensino da língua portuguesa, em especial as questões referentes à produção de textos usando o pensamento crítico.

Saber ler é a base que sustenta toda vida em sociedade, não apenas porque ler é muito importante, mas principalmente porque é a forma mais eficiente de se comunicar, lembrando

que a comunicação só se faz eficiente quando temos um locutor que emite determinada mensagem e um receptor que capta, decodifica e entende a mensagem recebida.

Quando falamos, muitas marcas de nossa individualidade são reveladas como, ritmo sonoro, a contextualização da nossa entonação e pausas também de acordo com a nossa cultura; já quando escrevemos o texto passa a ser impessoal, torna-se domínio de quem o lê. Desse modo, as ideias prestadas por quem escreve mostram um afastamento físico diferente da fala que busca aproximar.

Diante do que se disse, o uso do método sintético ou analítico se entrelaçam a fim de chegar a um único fim, a alfabetização. A fala e a escrita são contextualizadas ao partir do meio cognitivo onde estão inseridas. O contexto da fala e da escrita estão ligados a sua situacionalidade. A forma como a mensagem é transmitida interfere diretamente no contexto do que é transmitido, sendo assim, uma das principais diferenças entre fala e escrita está na prosódia²; nessa parte da gramática tradicional pode-se agrupar itens de entonação que diferem da escrita, mesmo a escrita retextualizada perde força perante a fala.

Com isso, entendemos que a fala é uma maneira de representação da língua, bem como a escrita, ambas interligadas e interpostas entre si. Uma é representada graficamente e a outra fonicamente; são elementos variados e únicos. Considerando que nem tudo que está na oralidade, obrigatoriamente deve estar na escrita, lembramos que não falamos letras e assim a escrita não é uma representação da língua. Como práticas discursivas ambas têm sua importância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Maria Irandé Costa Mores. **Muito além da gramática**: por um ensino de gramática sem pedra no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris (Org.). **Leitura e mediação pedagógica**. São Paulo: Parábola, 2012.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2009. (coleção pensamento e ação na sala de aula).

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos e didáticas de alfabetização**: história, característica e modos de fazer de professores: caderno do professor? Belo horizonte: CEALE/ FAE/ UFMG, 2005.

² Parte da gramática tradicional que se dedica às características da emissão dos sons da fala, como o acento e a entonação

KLUNCK, Aline Theobald; PASCHOALI, Daiana Raquel. **Literatura Infantil e a Formação de Leitores: Um olhar para contribuição escola e família.** São João do Oeste - SC, 2016.

PUENTES, Roberto Valdés. **Organização Didática do Processo de Ensino-Aprendizagem: o Planejamento.** Uberlândia: UFU, 2010.